

Juventude: perspectivas de professores e de alunos do ensino médio

Youth: perspectives of high school teachers and students

Jóvenes: perspectivas de docentes y estudiantes de escuela secundaria

Recebido: 14/07/2022 | Revisado: 27/08/2022 | Aceitado: 23/02/2023 | Publicado: 28/02/2023

Mayara dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3352-4719>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: shu_mayara@hotmail.com

Tânia Maria Rechia Schroeder

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3646-3088>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: tania.rechia@hotmail.com

Resumo

Como pensar a juventude hoje? Quais são as suas características? O objetivo deste artigo é discutir a questão da juventude na perspectiva de professores e de alunos do ensino médio num colégio da rede pública estadual de ensino de Cascavel/PR. Inicialmente são destacadas as metamorfoses nos valores modernos para os pós-modernos, para, num segundo momento, focalizar as características das novas gerações e seus agrupamentos juvenis. A partir do referencial teórico-metodológico da sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli são analisados os dados de uma pesquisa de campo realizada com o objetivo de apreender, por meio de entrevistas, as percepções de juventude de professores e de alunos. Tais resultados apontaram na direção de uma coexistência de valores modernos e pós-modernos e a necessidade de serem pensadas alternativas pedagógicas e frente à manifestação de novos modos de se fazer jovem na pós-modernidade.

Palavras-chave: Juventude; Metamorfoses culturais; Pós-modernidade; Ensino.

Abstract

How to think about youth today? What are your features? The purpose of this article is to discuss the issue of youth from the perspective of teachers and high school students in a state public school in Cascavel/PR. Initially, the metamorphoses from modern to post-modern values are highlighted, in order to, in a second moment, focus on the characteristics of the new generations and their youth groupings. Based on the theoretical-methodological framework of the sociology of everyday life by Michel Maffesoli, data from a field survey carried out with the aim of apprehending, through interviews, the observed youth of teachers and students are analyzed. Such results pointed towards a coexistence of modern and postmodern values and the need to think about pedagogical alternatives and the manifestation of new ways of becoming young in postmodernity.

Keywords: Youth; Cultural metamorphoses; Postmodernity; Teaching;

Resumen

¿Cómo pensar la juventud hoy? ¿Cuáles son tus características? El propósito de este artículo es discutir el tema de la juventud en la perspectiva de profesores y estudiantes de secundaria en una escuela pública estadual en Cascavel/PR. En un primer momento, se destacan las metamorfosis de los valores modernos a los posmodernos, para, en un segundo momento, centrarse en las características de las nuevas generaciones y sus agrupaciones juveniles. Con base en el marco teórico-metodológico de la sociología de la vida cotidiana de Michel Maffesoli, se analizan los datos de una encuesta de campo realizada con el objetivo de aprehender, a través de entrevistas, la juventud observada de profesores y estudiantes. Tales resultados apuntaron hacia una coexistencia de valores modernos y posmodernos y la necesidad de pensar alternativas pedagógicas y la manifestación de nuevas formas de hacerse joven en la posmodernidad.

Palabras clave: Juventud; Metamorfosis culturales; Posmodernidad; Enseñanza.

1. Introdução

Este texto versa sobre a juventude na ótica de professores e de alunos numa sociedade compreendida como pós-moderna tendo em vista as transformações nos valores da atualidade em relação aos valores modernos. As transformações na vida cotidiana atual e, em especial, na vida dos jovens, vêm sendo observadas por estudiosos de variadas partes do mundo. Assim, aqui focalizamos em especial a perspectiva de Michel Maffesoli, cujas reflexões são realizadas a partir das pesquisas que reúnem

pesquisadores de diferentes países no *Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien* (CEAQ), criado em 1982, por Michel Maffesoli (1944 -) e por Georges Balandier (1920-2016), na Sorbonne em Paris.

A pós-modernidade é assim chamada por Michel Maffesoli (2016) e por outros – Gadea (2013), Coelho (2011), Vattimo (2007) e Lyotard (1986) – como uma forma de sinalizar as metamorfoses presentes em vários âmbitos da sociedade, tais como no cotidiano, na arte, na arquitetura, na cultura, na literatura, no cinema, etc. São transformações que nos permitem dizer, a partir dos autores supracitados, que vivemos numa condição pós-moderna, condição essa que nos demanda a criação de novas formas de análise para a compreensão de fenômenos sociais da sociedade do século XXI

Um dos valores pós-modernos destacados por Michel Maffesoli (2016) é a importância que se dá à vida no presente, no “aqui agora”, sem a preocupação em produzir algo duradouro e eterno. Esse valor é visto com destaque nas “tribos pós-modernas” (Maffesoli, 2000) e nas “culturas juvenis” (Pais, 1990; Dayrell, 2002)¹.

Diante dessas considerações, o objetivo deste artigo é refletir sobre as características da juventude da atualidade bem como suas relações com a instituição escolar, buscando compreender as percepções dos professores e dos alunos do ensino médio sobre ser jovem.

Consideramos importante conhecer quais imagens de juventude estão presentes na percepção de professores e alunos, pois acreditamos que elas influenciam diretamente na forma como ocorrem as relações entre os sujeitos no espaço escolar, interferindo, portanto, no processo educativo.

Para responder aos nossos questionamentos, o artigo expõe uma apresentação sobre as metamorfoses nos valores modernos para os valores pós-modernos. Em seguida, articulando com as premissas da pós-modernidade, focalizamos a juventude na perspectiva de tribos urbanas e de culturas juvenis. Na sequência, caracterizamos a realização da pesquisa de campo e posteriormente apresentamos alguns resultados da pesquisa realizada na cidade de Cascavel/PR na qual entrevistamos professores e alunos do ensino médio da rede escolar pública.

2. Fundamentação teórica

2.1 Metamorfoses nos valores da modernidade em relação à pós-modernidade

A sociedade pós-moderna se apresenta com a característica fundamental de retomar elementos deixados de lado pela “racionalidade teleológica” moderna, como o misticismo, o fútil, o banal, a aparência das coisas, o efêmero, a ambiguidade, a incerteza, dentre outros. Tais elementos foram, em tempos anteriores, colocados na “ala dos fundos” ou jogados para “debaixo do tapete” por meio da criação de instituições sociais modernas regidas pela lógica da homogeneização e das relações hierárquicas.

Mesmo assim, no entanto, autores como Michel Maffesoli (2016) consideram que esses elementos não somente sempre estiveram presentes sob forma anômica, como, também, retornaram com mais vigor nas paixões coletivas e na afirmação da vida no aqui e agora. Vivemos num contexto de hedonismo coletivo manifesto na dedicação ao prazer como estilo de vida e nos compartilhamentos emocionais como princípios para os agrupamentos sociais.

Nas sociedades modernas e sua lógica mecânica, o funcionamento se pautava na homogeneização e isso é, justamente, o que a diferencia da pós-modernidade, pois esta última se baseia em valores heterogêneos e que estabelecem entre si interações constantes na organização de tribos “[...] mais ou menos efêmeras que comungam valores minúsculos e que, em um balé sem fim, entrecocam-se, atraem-se, repelem-se numa constelação de contornos difusos e perfeitamente fluidos” (Maffesoli, 2010, p. 28).

¹ Estabelecemos uma relação entre a noção de tribos pós-modernas ou tribos urbanas, utilizada por Michel Maffesoli e a noção de culturas juvenis utilizada por José Machado Pais e Juarez Dayrell.

A vida moderna, caracterizada por um estar junto previsível e racional, cede lugar a um estar junto pós-moderno marcado pela interação e pelo compartilhamento de sentimentos, gostos, lazer e diversão. Dito de outro modo, as diferentes formas de agregação das pessoas têm como princípio a socialização de interesses comuns ligados a questões afetivas, algo muito visível nas tribos e culturas juvenis.

Se o mundo moderno se organiza numa lógica hierarquizada e verticalizada de relações de poder e de conhecimento designada como a “lei do pai”, a pós-modernidade rege-se pela “lei dos irmãos” (Maffesoli, 2015). A metáfora da lei dos irmãos designa um viver social de dimensão horizontal de relações entre os sujeitos, caracterizada por um “estar junto” que integra sentimentos de afeto e emoção, bem como constantes trocas simbólicas favorecidas pelo desenvolvimento tecnológico das comunicações.

Além disso, Maffesoli (2007) assinala uma profunda diferença entre modernidade e pós-modernidade, para isso tomando por referência, dentre outras, a obra clássica “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo” (2004), de Max Weber (1864-1920), sobre o surgimento da modernidade a partir da relação entre o conteúdo doutrinário do protestantismo com a economia capitalista. Weber (2004) cria a tese do “desencantamento do mundo” como resultado advindo de uma vida asséptica e administrada pela tecnocracia exclusivamente racional. Maffesoli (2000) retoma a tese de Max Weber e caracteriza a pós-modernidade como um tempo de “reencantamento do mundo” no âmbito religioso, mas não diretamente relacionado a religião em suas manifestações institucionais.

Superando uma lógica tradicional de religião, o reencantamento do mundo tem relação com os laços de religiosidade que agregam pessoas nas tribos pós-modernas por meio da internet. Tais laços de religiosidade se configuram numa “ética da estética” regida por sentimentos comuns cujos signos unem ou distanciam os sujeitos, seja por identificações ou por diferenças:

[...] num movimento sem fim de ações/retroações, reconheço um signo reconhecendo com outros, e assim reconheço o que me une a outros. [...]. Essa função signo, ou a emoção coletiva em relação a um signo, pode-se exprimir graças a uma vestimenta, um hábito, um gosto, e, certamente, uma literatura, uma música, etc. (Maffesoli, 2010, p. 34).

Diversos são os simbolismos e signos em nossa sociedade, e as tribos pós-modernas e culturas juvenis fundam-se, pois, a partir de tais signos, por meio de escolhas, afinidades e contextos.

O reconhecimento da vivência da condição pós-moderna, expressa em novas sensibilidades, marcada pela valorização do presenteísmo, do hedonismo, e integrando cada vez mais o sensível na vida em sociedade, provoca outras formas de compreender a juventude, não somente como uma categoria social dinâmica com determinações histórico-sociais, mas também analisando os vetores de agregação os quais pautam-se em princípios diferentes do período moderno. Nesse sentido, a partir dessa explanação sobre as metamorfoses nos valores da modernidade em relação à pós-modernidade, no próximo tópico nos deteremos num debate teórico sobre juventudes, buscando apresentar as características da juventude pós-moderna e falando também sobre as formas de agrupamento de jovens a partir das noções de culturas juvenis (Pais, 1990; Dayrell, 2002) e de tribos pós-modernas (Maffesoli, 2000).

2.2 Juventudes pós-modernas

Na pós-modernidade, os parâmetros para as juventudes não são estabelecidos com base em uma “razão abstrata” cujos modelos estejam preestabelecidos. As ferramentas teóricas e metodológicas são pautadas numa razão encarnada, “sensível”, para compreender as manifestações de novos modos de ser jovem, bem como suas diferentes formas de interação, haja vista que vivemos hoje a ordem de fusão que “[...] acentua a dimensão afetiva e sensível [...] onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos” (Maffesoli, 2000, p. 102).

Entretanto, mesmo que sejam, na pós-modernidade, observadas vivências de períodos “empáticos”, dominados pela indiferenciação, pelo “perder-se” em um sujeito coletivo (Maffesoli, 2000, p. 16), ainda persistem abordagens - tanto nas pesquisas como nas observações cotidianas - de juventude numa perspectiva unificadora da categoria juvenil fortemente marcada pelo racionalismo abstrato e pelo individualismo. Tais concepções de juventude não valorizam a heterogeneidade, uma vez que são concebidas

[...] como fase de preparação para o futuro, ou seja, concebendo os jovens como não-sujeitos do momento presente, mas alguém que só poderá “vir a ser” a partir de uma preparação conduzida, principalmente por adultos ou instituições, com normas e regras pré estabelecidas, baseadas numa visão homogênea de juventude (Silva; Silva, 2012, p. 8).

Em estudos tradicionais sobre jovens em que a única referência é a faixa etária investigam as características comuns aos sujeitos jovens quanto ao desenvolvimento físico num período de transição e/ou preparação para a vida adulta. A juventude é então compreendida como um vir a ser. Nessa perspectiva:

Valorizam-se, então, os aspectos biológicos (desenvolvimento físico, amadurecimento sexual, faixa etária, etc.) e psicológicos relacionados à juventude, ao seu amadurecimento e inserção no “mundo adulto” a partir de ritos de passagem como a iniciação sexual, o casamento, a independência financeira associada ao trabalho, a constituição de moradia própria, entre outros (Amaral, 2010, p. 143).

Importante é assinalar que esses aspectos são muito importantes e não podem ser descartados, uma vez que servem de parâmetros para vários campos de atuação e de elaboração de políticas públicas para os jovens, tais como as estabelecidas a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e o Estatuto da Juventude. Não é profícuo, contudo, deter-se única e exclusivamente a esses parâmetros para compreender o que é ser jovem, haja vista que é necessário considerar outros aspectos advindos da história, da cultura, dos estudos sociológicos para que possamos compreender as complexas juventudes pós-modernas

Embora seja inegável a importância de variados campos do conhecimento que estudam essa temática, optamos pela abordagem de juventude do ponto de vista sociológico, considerando que:

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.), de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem. (Dayrell; Reis, 2006, p. 3).

Os estudos sobre juventude como construção social consideram “juventudes”, no plural, porque as manifestações de modos de ser jovem são diversas. Ainda que muitos aspectos sejam característicos dos jovens, do ponto de vista sociológico não é proficiente tomá-los de maneira uniforme, ainda que falemos sobre pessoas de uma mesma idade, classe social, gênero, etc.

Desse modo, seria um equívoco enfeixar a temática da juventude como uma categoria socialmente homogênea. Não há, portanto, um conceito fechado e único de juventude que abarque todas as semânticas perceptíveis no cotidiano. Ademais, “[...] as diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, a diferentes teorias” (Pais, 1990, p. 151), sendo indispensável considerar a juventude em sua diversidade.

Ao falarmos sobre juventude em sua diversidade, vale sublinhar que uma das características das juventudes pós-modernas refere-se à apropriação e ao compartilhamento de valores advindos das tribos e culturas juvenis. Esse

compartilhamento de valores é expresso em atitudes, comportamentos, hábitos, gostos, formas de consumo que indicam o pertencimento a um grupo social específico.

O compartilhamento de códigos (gírias, jargões, música, pautas comportamentais), de elementos estéticos (estilos de vestir, adornar e expressar-se por meio do corpo) e de práticas sociais (relativas ao comportamento político e às formas de lazer, de circulação e apropriação do espaço urbano e da cultura) contribui para definir a imagem social de cada tribo. (Oliveira, et al., 2003, p. 64).

Os agrupamentos juvenis na sociedade pós-moderna são simbolicamente mediados por itens de identificação, itens que são responsáveis também por despertar no jovem o sentimento de pertença. Desse modo, “[...] cada grupo juvenil possui, assim, marcas visíveis que o caracterizam e unificam, mas que o diferenciam de outras marcas identitárias juvenis” (Martins; Carrano, 2011, p. 47).

Esses itens de mediação podem ser caracterizados, por exemplo, pelo uso e consumo de determinados produtos (música, moda, linguagem, práticas esportivas, formas de lazer, etc.), sendo que eles “[...] servem de nicho às micro entidades fundadas sobre a escolha e a afinidade” (Maffesoli, 2013, p. 71). Esses signos, simbolismos e significados compartilhados fazem parte de um conhecimento comum vivenciado cotidianamente, compondo a trajetória de interações sociais entre os jovens e influenciando-os a se articularem em grupos de interesses a partir de identificações.

Sendo vários os itens de mediação, várias serão as juventudes. Como a juventude é muito diversificada, as culturas juvenis também o são. Percebemos a heterogeneidade nas “[...] tribos religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais: seu número é infinito, e sua estrutura idêntica (apoio, partilha de sentimentos, ambiência afetual)” (Maffesoli, 2013, p. 71).

As juventudes pós-modernas são dinâmicas e heterogêneas. Isso possibilita a participação dos jovens em várias tribos, como, por exemplo, a tribo do esporte, da música, da dança, da igreja, dentre outras.

Assim, um jovem que compõe uma tribo não está restrito a ela, pois pode migrar e compor mais de uma tribo e cultura juvenil ao mesmo tempo. As relações de trocas entre as várias culturas e estilos são constantes, dessa maneira o jovem pode constituir diferentes grupos e, a partir da influência que recebe de cada um deles, vai deslizando de uma identificação a outra, bem como de um estilo a outro. O “[...] jovem tem acesso a múltiplas referências culturais, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significado que são articuladas e adquirem sentido na sua ação cotidiana” (Dayrell, 2002, p. 121).

Os modos de ser jovem expressam valores da pós-modernidade tais como a aderência à lógica dionisíaca e orgiástica nas formas de viver a vida, expressando “[...] um estilo de vida celebratório, orientado por uma ética de existência que cultiva valores hedonistas, experimentalistas, presenteístas e convivialistas” (Ferreira, 2008, p. 102). Ou seja, as características da juventude atualmente se contrapõem de modo expressivo aos valores modernos. A expressão do que caracteriza-se a juventude pós-moderna pode ser visualizada de maneira clara a partir dos diferentes grupos culturais juvenis.

Os processos de socialização dos jovens nas tribos reiteram o sentido festivo e celebratório de um “estar-junto” que fundamenta a interação social. Em suas manifestações é possível observar a valorização da ética do instante. Dito de outro modo, os jovens vivem “[...] uma forma de estar-junto que não está voltada para o longínquo, [...] mas que se dedica a organizar o presente, que tenta se tornar o mais hedonista possível” (Maffesoli, 1995 p. 17). O tempo é vivido como uma sucessão de instantes que tem sua própria intensidade e que, não necessariamente, deixarão ensinamentos para outros instantes que virão.

Assiste-se, portanto, à efervescência de novos modos de vida, de novos modos de ser jovem que são facilmente visíveis na organização de tribos e culturas juvenis representativa do que de fato podemos considerar como juventude pós-moderna. Ocorre porém, que as transformações visíveis no período pós-moderno e a compreensão sobre os novos modos de ser jovem, ainda não foram incorporadas pela escola, que organizada a partir de princípios modernos, atua como um espaço de práticas excludentes em relação à juventude e aos diferentes modos de ser jovem.

Apesar de seu constante esforço organizacional voltado para impedir a expressão do politeísmo de valores, ainda assim, a manifestação dessa juventude pós-moderna tem transposto os muros escolares e de modo absolutamente visível têm se manifestado no ambiente escolar, o que, de certo modo, vem abalando a estrutura organizacional da escola e desencadeando o que muito se tem discutido no campo educacional como uma “crise na educação” (Gallo, 2000, p. 18).

Essa “crise na educação” decorre, em parte, de uma organização pedagógica que não está respondendo satisfatoriamente aos anseios de uma juventude que vive os valores pós-modernos. “Os diferentes valores advindos das mudanças estruturais nas relações sociais contemporâneas parecem entrar em choque com os valores tradicionalmente disseminados por instituições da sociedade” (Martins; Carrano, 2011, p. 53). Podemos afirmar que temos uma escola moderna para sujeitos pós-modernos.

Nesse contexto, no próximo tópico apresentaremos alguns resultados de entrevistas realizadas com professores e com alunos da rede estadual de ensino de Cascavel/PR. O escopo dessas entrevistas foi o de conhecer a percepção desses sujeitos sobre a juventude.

Consideramos importante conhecer quais imagens de juventude estão presentes na percepção de professores e alunos, pois acreditamos que elas influenciam diretamente na forma como ocorrem as relações entre os sujeitos no espaço escolar, interferindo, portanto, no processo educativo.

Além disso, tal análise pode ser um meio de impulsionar a discussão sobre a necessidade de que se repense o fazer pedagógico, tendo em vista as metamorfoses ocorridas na contemporaneidade e que se fazem presentes na escola.

3. Metodologia

Este trabalho faz parte do recorte de uma pesquisa mais ampla realizada no âmbito do mestrado em Educação. Assim, o estudo aqui apresentado é qualitativo e está amparado metodologicamente em pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas com os docentes e discentes de duas escolas de ensino médio da cidade de Cascavel-PR. As escolas foram escolhidas mediante análise dos altos índices de evasão escolar no ensino médio no ano de 2015, verificados por meio dos indicadores do INEP².

A análise dos resultados tem como referência uma abordagem fenomenológica, mais especificamente a fenomenologia formista de Michel Maffesoli (1998). A fenomenologia é uma vertente do conhecimento que tem como objetivo “a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados (...), sem teorias sobre sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos” (Martins, 1992, p. 50). Nesse sentido, com base nos princípios fenomenológicos, nos atentamos à descrição das experiências vivenciadas pelos alunos e professores na qual procuramos apresentar “a dada realidade sem nos atermos a uma finalidade conceitual ou mesmo a uma lógica de dever ser” (Alves, 2014, p. 77).

A escolha dos professores entrevistados teve como critério a regência de classe em turmas do ensino médio em disciplinas da área de linguagens e ciências humanas determinadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2013. A escolha dos alunos teve como critério a matrícula em turmas regulares do ensino médio, na faixa etária entre 15 e 17 anos.

A opção pela fenomenologia como matriz epistemológica do conhecimento se deu a partir da compreensão de que ao falarmos de juventude e da diversidade juvenil expressa através das diferentes tribos e culturas juvenis na contemporaneidade, exigia de nós um método de análise também diverso, que fosse constituído a partir de uma pluralidade e a fenomenologia nos propicia isso, uma vez que permite analisar o fenômeno tal como se apresenta.

² O indicador da evasão escolar foi elencado, pois um dos objetivos da pesquisa inicial era discutir sobre desinteresse pela aprendizagem e evasão escolar relacionada a desarticulação dos conteúdos curriculares com as práticas cotidianas, porém para esse artigo, as questões da pesquisa de campo, relacionadas ao desinteresse pela aprendizagem e a evasão escolar foram excluídas, pois o objetivo é falar sobre juventude.

4. Resultados e Discussão

Os valores pós-modernos da ética do instante, isto é, a despreocupação com o futuro e a valorização do presente, foram características identificadas na pesquisa de campo.

Algumas noções de juventude dos docentes se mostraram, de um lado, permeadas pela lógica organizacional e institucional da escola com uma perspectiva de categoria homogênea e de incompletude, perspectiva manifesta em suas falas como jovens “perdidos”, “sem perspectiva de futuro”, “irresponsáveis”, “inconsequentes”.

Ser jovem é viver num mundo onde há uma mudança constante em termos de tecnologias, padrões e valores e comportamentos que deixam o jovem meio pensante ainda com a cabeça balançando em relação ao que ele quer para a vida. Diante disso, a gente nota também que a maioria da juventude hoje tá fugindo da responsabilidade, parece que não tá buscando um ensino, formação, um prospecto para uma vida melhor futuramente (Professor 1).

[...] o jovem hoje é inconsequente, e irresponsável né... não dá pra gente generalizar, mas em sua grande maioria é. Não tem a mínima responsabilidade e acha que pode tudo (Professor 3).

Por outro lado, a juventude também é percebida como um momento de vida com muita liberdade e autonomia, mas que, frequentemente, não é “bem aproveitada”.

[...] hoje os jovens têm essa liberdade e tem autonomia só que eles, muitos não sabem aproveitar, trocam essa liberdade e acho que querem buscar algo diferente e acabam muitas vezes não tomando um caminho tão correto (Professor 2).

O imaginário de uma “juventude perdida” e “sem perspectiva de futuro” tem relação com uma categoria social única visualizada a partir de uma linearidade de percursos de vida e de ritos de passagem.

Entretanto, quando partimos do reconhecimento da vivência de uma condição pós-moderna, onde a juventude é concebida em sua diversidade nas diferentes tribos e culturas juvenis, é possível perceber que os percursos de vida e os ritos de passagem não são mais claramente demarcados. A própria condição de futuro necessita ser problematizada, dado que, para os jovens, o que importa é o presente e “[...] o futuro é percebido como apresentando um maior número de possibilidades” (Mellucci, 2007, p. 35).

Essa percepção de que há um maior número de possibilidades de projetos de vida tem relação com a pluralidade de tribos que transitam, possibilitando-lhes a manifestação de diferentes *personas*. Nessa ótica, Mellucci (2007, p. 38) afirma que “[...] a possibilidade de definir uma biografia contínua torna-se cada vez mais incerta. Nesse sentido, o significado do presente não se encontra no passado, nem em um destino final da história; o tempo perde sua finalidade linear e [...] torna-se uma possibilidade”.

Quando reconhecemos que a juventude é heterogênea tendo em vista os diferentes modos de ser jovem, e as diferentes tribos e culturas juvenis, podemos entender que a expressão de objetivos de vida ou as previsões de futuro são relativas, transitórias e facilmente mutáveis, uma vez que os percursos são diferentes. Afinal, falamos de jovens em sua diversidade.

Além disso, é preciso considerar que falar de projetos de futuro no que concerne a uma análise pós-moderna pode soar contraditório, e até mesmo antagônico, uma vez que a essência da condição pós-moderna, segundo Maffesoli (2003), é a eternização do instante, caracterizada como “[...] o desejo de viver sem se preocupar muito com o futuro” (Maffesoli, 2003, p. 47). A eternização do instante, ou seja, a importância do momento presente, este é um valor visível na juventude pós-moderna, mas percebido no mundo adulto como sinônimo de irresponsabilidade e de imediatismo de jovens que não projetam metas para o futuro.

Observamos, na perspectiva dos professores, a prevalência de valores modernos na expectativa de que o jovem estabeleça metas, fins e objetivos futuros com exatidão. Os jovens que não possuem objetivos de vida ou que apresentam objetivos estranhos aos previstos pelos adultos ou, ainda, que mudam demasiadamente seus objetivos, são considerados desinteressados, perdidos, irresponsáveis, etc.

Eu percebo assim que eles tão meio perdidos, sem saber pra onde ir, o que fazer, eles não têm assim uma maturidade pra saber definir ainda o que eles querem, qual caminho eles vão seguir. Então eu acho que hoje é uma juventude mais perdida [...]. A gente fala, conversa sobre os sonhos, o que eles querem ser no futuro, e eles não tem mais isso. Eles não têm aquele objetivo: ah eu vou terminar o ensino médio, eu vou ingressar na universidade, eu vou fazer um curso [...] (Professor 8).

Quando eu comecei a trabalhar, a juventude, no meu ponto de vista, eles eram bem mais responsáveis com o estudo, não só com estudo, eles iam estudar porque eles tinham um objetivo pra ser alguém na vida, ter uma profissão, ter uma renda boa e hoje a gente nota que o jovem não busca muito isso, parece que deixa pra amanhã e depois e assim por diante, então hoje parece que o comportamento em termos de responsabilidade deu uma boa mudança (Professor 1).

Esse discurso pode estar pautado na lógica do moralismo moderno. “O moralismo repousa na exigência de ser isso ou aquilo. O indivíduo deve se curvar ao projeto decretado *a priori*, a sociedade deve, igualmente, chegar a ser o que o intelectual, o político, o *expert* pensou que devia ser” (Maffesoli, 2003, p. 30).

Assim, o sujeito “desviante” daquilo que supostamente “deveria ser” é considerado um perdido, irresponsável, pois, na perspectiva moderna, espera-se que o indivíduo seja seguro de sua identidade (sexual, profissional, partidária, religiosa, etc.), bem como autônomo e responsável, mestre de si mesmo e do universo. O que está acontecendo na atualidade são, ao contrário, as contaminações de valores pós-modernos na vida cotidiana.

Outro aspecto identificado na percepção dos professores em relação aos jovens é a maturidade e/ou imaturidade. As representações de juventude atreladas à ideia de imaturidade revelam que essa categoria é vista, por uma parcela significativa dos professores, do ponto de vista de transição, como um período de preparação para a vida adulta. Essa perspectiva sobre juventude contribui para a propagação de uma perspectiva de naturalização da juventude como período de crise, de imaturidade, onde o jovem não é visto como é no momento presente, mas como alguém que virá a ser. Desse modo, “[...] considerados imaturos para a atuação na sociedade, nega-se a eles o reconhecimento como sujeitos sociais” (Pizzol, 2005, p. 14).

Essa análise nos revela uma falta de visibilidade dos adultos nas escolas de jovens. Nessas escolas, as escolhas e as vivências cotidianas dos jovens estão pautadas em valores pós-modernos, valores que, se ignorados por visões estereotipadas e equivocadas, geram efeitos negativos, pois é perceptível que:

[...] predomina uma representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens, reflexo das representações correntes sobre a idade e os atores juvenis na sociedade. É muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um “vir a ser” projetada para o futuro, ou o jovem identificado com um hedonismo individualista ou mesmo com o consumismo (Dayrell, 2007, p. 1117).

Ainda sobre a noção de juventude, também buscamos conhecer a percepção dos alunos sobre ser jovem atualmente. Uma das perspectivas que se destacou nas entrevistas foi a da juventude como período para “aproveitar”, “curtir” e “se divertir” – a juventude como uma fase de liberdade e de quebra de paradigmas que se funda essencialmente na “lógica do querer viver” (Maffesoli, 1988).

[...] eu acho que é muito bom, é uma idade boa, de curtidão, sair, se divertir (Aluno 2).

Ah é legal, apesar de ter algumas coisas que eu não posso fazer, algumas eu posso, é legal. Não sei como explicar, é se divertir, curtir (Aluno 3).

Juventude é uma fase de aproveitar, fazer amigos, estudar (Aluno 4).

[...] ser jovem é bom né, você pode aproveitar a vida (Aluno 7).

Esse imaginário de juventude tem como referência o hedonismo e o presenteísmo, cujos valores se relacionam a aproveitar, de maneira intensa e prazerosamente, o aqui e o agora: “O futuro vai sendo tecido dia após dia, sem grandes planos ou objetivos de longo prazo de vida. Como indivíduos autônomos e livres, suas ações parecem ser determinadas apenas tendo como objetivo maior a maximização de um estado de prazer” (Szapiro; Resende, 2010, p. 44).

Do ponto de vista dos próprios jovens (alunos), a juventude se contrapõe à ótica que a vê como uma fase de transição e de preparação para a vida adulta. Nos dados observamos perspectivas semelhantes às de Dayrell (2001), cujos jovens

[...] mostram que viver a juventude não é preparar-se para o futuro, para um possível "vir-a-ser". Para eles o tempo da juventude localiza-se no aqui e agora, imersos que estão no presente. E um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência que se resolve a cada dia. Não significa que sejam alienados ou passivos, que não nutram sonhos e desejos. Eles os têm, porém, com uma especificidade [...] (Dayrell, 2001, p. 353).

É interessante notar que a percepção dos alunos sobre a juventude como um período de curtidão e diversão é exatamente o que faz com que os professores visualizem seus alunos jovens como perdidos, irresponsáveis e despreocupados com o futuro. A contraposição entre diversão e responsabilidade dá-se em virtude da oposição existente entre lazer/diversão e escola/trabalho. O lazer como uma atividade livre, realizada livremente de modo prazeroso numa perspectiva que se opõe ao trabalho (como atividade produtiva) é visualizado, por muitos docentes (e pais), como vazio e improdutivo:

[...] a liberdade vivida pelos jovens nos tempos e espaços de lazer é vista com certa desconfiança pelos adultos. Estes não acreditam que a juventude seja capaz de utilizar de forma sadia o tempo livre de que dispõe. Assim, o tempo livre dos jovens é considerado potencialmente perigoso e se torna alvo de ações e políticas públicas. Difunde-se a ideia de que é preciso oferecer atividades para que os jovens ocupem esse tempo e não se envolvam com “lazer impuros” (Rosa, 2006, p. 33).

Embora o lazer se caracterize como uma dimensão significativa da vivência juvenil (Abramo, 1994), relacionando-se ao conjunto de práticas cotidianas que levam à formação de tribos e de culturas juvenis, as atividades de lazer ou os momentos de “curtidão e diversão” são compreendidos pelos professores como sinônimo de irresponsabilidade ou mesmo de “coisa de quem não tem o que fazer”.

A partir das diferentes significações atribuídas pelos professores e pelos alunos à condição de ser jovem, é possível afirmar a coexistência de valores modernos e pós-modernos entre os professores e os alunos, o que traz implicações para as proposições de formação das escolas, que não podem mais ignorar o fato de que são instituições com uma lógica de organização moderna para formar jovens que vivem os valores pós-modernos.

5. Considerações Finais

O objetivo de apreender as percepções de professores e de alunos tendo como premissa as construções teóricas sobre modernidade e pós-modernidade nos possibilitou compreender o distanciamento que existe entre os valores jovens e os valores

dos professores. Essa distância pode estar na origem de variados conflitos entre professores e alunos, assim como no abandono da escola e o desinteresse pela aprendizagem

A juventude e os seus agrupamentos se orientam majoritariamente a partir de uma lógica de “querer viver”. Em contrapartida, os professores apresentam princípios fortemente arraigados em valores do período moderno, cujo objetivo é determinar uma lógica pautada no “dever-ser”. Desse modo, o que se percebe é um embate de valores de professores, tendo em vista seus posicionamentos pautados numa lógica organizacional moderna, e de alunos, cujas vivências manifestam a prevalência de valores pós-modernos.

Diante desse embate, seria profícuo que os cursos de formação de professores, que também estão arraigados na lógica organizacional moderna, abarcassem, em seus programas, estudos que focalizem as metamorfoses sociais em curso e suas implicações para o trabalho docente.

Para que as instituições educacionais participem da construção de uma sociedade mais justa, mais democrática do ponto de vista econômico, social, político e cultural, é necessário que estejam atentas às metamorfoses sociais em curso e visíveis na vida cotidiana e, em especial, às transformações nos novos modos de ser jovem.

Requer que sejam repensados a estrutura dessa instituição social e o posicionamento dos profissionais que nela atuam, para que o jovem seja reconhecido em sua condição juvenil e tratado como sujeito sociocultural no espaço escolar. Além disso, essa pesquisa incita-nos a uma reflexão acerca das relações possíveis entre educação e culturas juvenis na contemporaneidade, no entendimento da escola como um ambiente social dinâmico, onde é possível intercambiar diferentes tribos e culturas juvenis.

Sendo um instrumento de compreensão da diversidade juvenil atual e sua relação com a escola, essa pesquisa pontua a necessidade de reflexão acerca dos aspectos que dificultam e/ou possibilitam o uso de alternativas pedagógicas diferenciadas no contexto escolar, principalmente, tendo como referência as diferentes tribos e culturas juvenis. Isso implica pensar questões referentes ao currículo e metodologias, contribuindo teoricamente para fundamentar possíveis reformulações nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas.

Para futuras pesquisas consideramos a possibilidade de discutir diretamente sobre a música como um elemento que favorece a organização de diferentes tribos e culturas juvenis, analisando como sua utilização no cotidiano escolar como um instrumento educativo pode ser uma estratégia de articulação dos conteúdos curriculares de forma contextualizada.

Referências

- Abramo, H. W. (1994) *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. ANPOCS/Scritta.
- Alves, F. L. (2014) *Pós-mulher: corpo, gênero e sedução*. Champagnat.
- Amaral, M. F. (2010) Culturas juvenis e processo de socialização: um olhar sobre as experiências sociais de jovens em uma periferia. In: *I Seminário Violar Problematizando as Juventudes na Contemporaneidade*, 2010, Campinas. Anais. Campinas, Unicamp, 2010. p. 142-153. <https://www.fe.unicamp.br/semviolat/anais/Anais-ISemViolar.pdf>
- Coelho, T. (2011) *Moderno pós-moderno: modos e versões*. Iluminuras.
- Dayrell, J. (2001) *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 409 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo – São Paulo, 2001. <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1591/1/tese.pdf>
- Dayrell, J. (2002) O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, 28 (1), 117-136. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>
- Dayrell, J., & Reis, J. B. (2006) Juventude e escola: reflexões sobre o ensino da sociologia no ensino médio. In: *Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia*, 12., 2006, Recife. Leituras sobre sociologia no ensino médio. Maceió: Edufal, 2007, 1-17. <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-e-Reis-2007-Juventude-Escola.pdf>
- Dayrell, J. (2007) A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, 28 (100), 1105-1128. <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>
- Ferreira, V. S. (2008) Ondas, cenas e microculturas juvenis. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*. (15), 99-128. <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75231/78996>

- Gadea, C. A. (2013) A “questão pós” e a crítica pós-moderna. In: Gadea, C. A.; Barros, E. P. (Orgs.). *A “Questão Pós” nas ciências sociais: crítica, estética, política e cultura*. Appris, p. 11-34.
- Gallo, S. (2000) Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: Alves, N. Garcia, R. *O sentido da escola*. (2a ed.): DP&A.
- Liotard, J. F. (1986) *O pós-moderno*. José Olympio.
- Maffesoli, M. (1988) *Le temps des tribos: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. La Table Ronde.
- Maffesoli, M. (1995) *A contemplação do mundo*. Artes e Ofícios.
- Maffesoli, M. (1998) *Elogio da Razão Sensível*. Vozes.
- Maffesoli, M. (2000) *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Forense Universitária.
- Maffesoli, M. (2003) *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Zouk.
- Maffesoli, M. (2007) *Le réenchantement du monde*. Perrin.
- Maffesoli, M. (2010) *No fundo das aparências*. Vozes.
- Maffesoli, M. (2013) Da pós-medievalidade à pós-modernidade. In: Gadea, C. A., Barros, E. P. (Orgs.). *A “Questão Pós” nas Ciências Sociais: crítica, estética, política e cultura*, Curitiba – PR: Editora: Appris, p. 63-77.
- Maffesoli, M. (2015) A lei dos irmãos. In: Bastos, C. C. B. C., Alves, F. L., Schroeder, T. M. R. (Orgs.). *Pesquisas fenomenológicas na contemporaneidade*. Editora CRV, 13-22.
- Maffesoli, M. (2016) *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade*. Forense.
- Martins, C. H. S., & Carrano, P. C. R. (2011) A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. *Educação*. 36(1), 43-56. <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/2910/1664>
- Martins, J. (1992) *Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: Educação como Poiesis*. Cortez.
- Mellucci, A. (2007) Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Fávero, O. et al. (Org.). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: MEC/Unesco, 2007. p. 29-46. Ministério da Educação. Coleção Educação para Todos. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=648-vol16juvcont-elet-pdf&cate_gory_slug=documentos-pdf&Itemid=30192
- Oliveira, M. C. S. L., et al. (2003) Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. *Temas em Psicologia da SBP*, Brasília, 11(1), 61-75, <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n1/v11n1a07.pdf>
- Pais, J. M. (1990) A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, XXV (105-106), 139-165. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>
- Pizzol, G. (2005) *Protagonismo juvenil: significações atribuídas por alunos de ensino médio do meio-oeste catarinense*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102489/221596.pdf?sequence=1>
- Rosa, T. S. (2006) *Lazer: concepções e vivências de uma juventude*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio do Grande do Sul, Porto Alegre. <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10316/000595339.pdf>
- Silva, C. R., & Silva, P. C. (2012) Juventude e cultura: reflexões acerca das culturas juvenis no currículo escolar. *Artifícios: Revista do Difere*, 2(3), 1-17. http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/artigo_cris.pdf
- Szapiro, A. M., & Resende, C. M. A. (2010) Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*, 1(22), 43-49. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a06.pdf>
- Vattimo, G. (2007) *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Martins Fontes.
- Weber, M. (2004) *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Companhia das Letras.